A FACE LITERÁRIA DO DICIONÁRIO DE LÍNGUA

SILVA, Erly Rosa¹

Resumo: O presente artigo discute a relação entre língua e literatura assim como o gênero textual do dicionário de língua. O dicionário sendo o representante lexical de uma cultura vai até ao acervo literário buscar as possíveis acepções de cada vocábulo. O dicionário usa-se da literatura para retratar os anseios de uma cultura em consonância com o uso. Sendo a literatura o registro de modelo ideal de língua. O dicionário se apropria dessa caracterização literária para transformar o dicionário de língua numa obra que merece ser estudada para que possamos julgar seu valor no contexto literário.

Palavras-chave: Língua/literatura. Dicionário de língua. Gênero textual.

A arte em construir um dicionário de língua se baseia num modelo de língua ao qual tem a literatura como *corpus* de sua construção nesse fazer lexicográfico. O dicionário de língua se baseia no uso que uma comunidade lingüística faz da língua, ou seja, é representante lexical de uma cultura. Segundo Mainueneau (2001, p. 102) “a literatura desempenha um papel capital na delimitação sociológica das línguas”. Assim é perceptível a influência literária na construção do léxico, desde a antigüidade a literatura provoca no seio da língua uma relação de adjuntora frente aos textos verbais. No dicionário de língua é muito visível os exemplos de língua oriundos do acervo literário da língua portuguesa.

A língua portuguesa se oficializou a partir dos movimentos literários surgidos em Portugal no início do século XII com as cantigas, ou seja, um padrão de língua a ser seguido, antes a língua não era tida como oficial. Foi no período Trovadoresco, que a língua inicia sua história arcaica. Dessa forma a língua se oficializa e ganha sustentação em Camões no século XVI e até hoje a literatura representa no campo lingüístico a mais bela forma de influência na solidificação do nosso idioma.

¹ Mestre em letras- literatura e crítica literária pela Universidade Católica de Goiás. Professor na Universidade Estadual de Goiás – erlyerre@hotmail.com

Há uma tensão entre a construção da língua, sua relação com a literatura, língua e cultura, vida e variedade lingüística. A literatura é uma das possibilidades de exploração e utilização da língua.

A linguagem enquanto ato da fala tem suas coordenadas no tempo e espaço. Se os enunciados são contextualizados e o sujeito apropria em forma de discurso, então a literatura também é uma forma de discurso do sujeito, mesmo que seja ficção. Pode-se dizer que literatura é ficção, mas não pode ser reduzida apenas a ficção. A literatura é uma forma de comunicação e seus discursos são construídos intencionalmente, resultado da forma como a língua é usada. Derrida (2005, p. 75-76) discute o entrelaçamento da realidade lingüística e a ficção:

Tradicionalmente, a linguagem é concebida como algo natural e essencial, um veículo neutro e transparente de representação 'realidade', o que supõe a existência de um elo natural entre as esferas da 'palavra' e da 'coisa'. Ato, sujeitos e experiências são apenas refletidos pelas palavras, a linguagem é uma espécie de espelho que revela o interior dos sujeitos, reproduzindo seus pensamentos e sentimentos e que retrata suas condutas e relações, que servem da linguagem apenas para se objetivar e transmitir.

Segundo Martins (1984, p. 18): “linguagem corrente, científica ou filosófica se dá na direção normal da língua” ao passo que a literatura vai além da normalidade corrente da língua. Ela ultrapassa o caráter homogêneo da língua e faz dela sua mais alta significação. Segundo Maingueneau, (2001, p. 54)

A dimensão interpretativa deve ser tomada mediante a consideração não do vínculo frontal entre um texto e uma dimensão social, mas o modo como ele opera uma transação com referência à situação de enunciação: ela a reconfigura por meio de seu dispositivo cenográfico, tendendo assim se distinguir para melhor impor um novo modo de dizer.

Portanto, a linguagem apropria-se de palavras para a literatura, a palavra é uma maneira de *poetar* com a língua.

Os literatos têm a habilidade de usar a palavra no seu alto grau de subjetividade discursiva, invertendo-as, trocando os sentidos e nos chamando a uma nova interpretação. Interpretação essa que tem um objetivo de nos transmitir conhecimentos. Derrida (2005, p.

76) nos lembra que: “Língua e escritura são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro”. Notamos que a literatura precisa da escrita para representar seus momentos de tensão e transformações e estes, apóiam-se na língua para que haja uma ‘pluralidade de linguagens’.

O que acontece com a literatura é uma apropriação das palavras para uma produção de um novo discurso. Koch (2002, p. 19) afirma que:

Ao produzir um discurso o homem se apropria da língua, não só com o fim de veicular mensagens, mas, principalmente, com o objetivo de atuar, de interagir socialmente, instituindo-se como EU e constituindo, ao mesmo tempo, como interlocutor, o outro, que é por sua vez constitutivo do próprio EU, por meio do jogo de representações e de imagens recíprocas que entre eles se estabelecem.

O eu passa por vivência de mundo, das idéias implícitas e não implícitas do texto. Ocorre uma persuasão, mas esta se dá no progresso do texto em que o escritor, ou narrador quer convencer o leitor das suas teorias e objetivos. Todo objetivo de um texto está nas marcas de intenções do autor. Ou seja, ele escreve algo que depois, talvez nem fosse sua intenção, mas as palavras o condenam, pois estão registradas. Porém, Eagleton (2001, p. 6) nos alerta sobre a interpretatividade de uma palavra.

Qualquer linguagem em uso consiste de uma variedade muito complexa de discursos, diferenciados segundo a classe, região, gênero, situação, etc., os quais de forma alguma podem ser simplesmente unificados em uma única comunidade lingüística homogênea.

Sendo assim a relação língua/literatura é colocada explicitamente, pois um texto não circula somente em uma comunidade, mas ultrapassa barreiras desconhecidas pelo seu autor. Eagleton discute dessa forma ao questionar o conceito literatura e vai além “Se deparássemos com um fragmento escrito isolado de alguma civilização há muito desaparecida, não poderíamos dizer se tratava ou não de “poesia” apenas pelo exame que faríamos dele, já que não teríamos acesso aos discursos “comuns” daquela sociedade...”.

Assim, o estranhamento é nítido se desconhecermos o código de cada texto; a relação que a língua tem com a literatura é um enigma. A maneira como vemos as palavras e atribuímos sentidos. Eagleton (2001, p. 09) assim define literatura: “pode ser tanto uma

questão daquilo que as pessoas fazem com a escrita, como daquilo que a escrita faz com as pessoas”. Percebe-se que para Maingueneau (2001, p. 44), essa relação vai mais além: “o escritor é um homem que decide ser reconhecido pelos semelhantes através da escrita”.

Nota-se a cumplicidade entre a língua e a forma de como usá-la. Todo escritor conhece e a trabalha transformando-a na representatividade de um código lingüístico que dialoga diacronicamente e sincronicamente com quem faz a interlocução.

De acordo com Bakhtin (apud BIGONJAL-BRAGGIO, 1999, p. 17), “toda interação é dialógica e faz parte de um processo contínuo de comunicação que se materializa através de palavras. A linguagem vive de comunicação, do diálogo, e faz parte da vida cotidiana e das atividades práticas do homem”. Essa relação é de interação, pois o homem comunica-se, mas também transforma e altera seu ponto de vista de acordo com sua realidade, crenças e valores.

Na literatura os significados precisam ser estruturados e fluir de modo que possamos compreender o valor discursivo, da situação a qual estamos expostos na escrita: segundo Smolka (1998, p. 67):

O discurso interior é uma linguagem desabrochada em toda a sua dimensão, é uma linguagem mais completa que a falada. O discurso interior é quase completamente predicativo porque a situação, o assunto pensado, é sempre conhecido de quem pensa. A linguagem escrita, pelo contrário, tem que explicar completamente a situação para ser inteligível. A transformação do discurso interior, condensado ao máximo, em linguagem escrita, pormenorizada ao máximo, exige o que poderíamos designar por semântica deliberada – estruturação do fluir do significado.

A escrita precisa ser cuidadosamente detalhada para que possamos compreender o discurso. Existe a necessidade de um leitor competente, Demo (1994, p. 19) afirma que: “[...] qualidade é questão de competência humana, [...]”, então temos a necessidade de ter a qualidade de ser competentes para enfrentar os saberes de um texto. Uma vez que competência diz respeito a saberes e ‘capacidade de agir eficazmente’.

Para Maingueneau (2001, p. 101) as obras interagem com a língua: “A produção literária não é condicionada por uma língua completa e autárquica que lhe seria exterior, mas entra em jogo de tensões que a constitui”. Portanto, a relação entre língua e literatura é ampla, já que não existe literatura sem uma língua e não existe uma língua sem sua

literatura própria. O imaginário de uma língua, seus costumes e valores são disseminados através de sua literatura. O *status* de uma língua é guardado na sua literatura. A literatura se faz necessária para o conhecimento de uma língua, seus neologismos e suas especificidades são reveladas através dos escritores. Os escritores nos mostram através de condições paratópicas que podem ser: existenciais, temporais e de lugares. Essas paratopias são necessárias para criar uma realidade ficcional. De acordo com Maingueneau (2001, p. 105): “Não é evidente que um escritor escreve em sua língua, pois sua condição paratópica só lhe designa como lugar uma fronteira, já que a escrita escava um hiato irreduzível com relação à língua materna”. O escritor se apropria de sua língua, mas em uma condição paratópica cria uma ficção que parece real. Isso não significa que uma mesma obra não possa apresentar várias referências de outras línguas e até mesmo de suas especificidades.

A interferência de outras línguas em uma obra literária só é possível porque os escritores aproveitam-se da relação de intertextualidade. Já que não existe neutralidade da língua, desta forma não existe uma língua pura, ou seja, os usos lingüísticos são sempre uma mistura de várias línguas. Platão já argumentava quando cita as artes, explicando como ocorre a essa paratopia em que o escritor aproxima-se do gênero real e que às vezes é difícil de reconhecer:

Aqueles que fazem esse trabalho, começam, eles também, por uma eliminação, rejeitando a terra, as pedras e muitas outras impurezas; depois disso permanecem na mistura os metais preciosos da mesma família do ouro que se separa pelo fogo, o cobre, à parte e, algumas vezes, também o diamante. Assim, dificilmente separados pelas chamas, deixam a descoberto o que chamamos ouro puro (PLATÃO, 1991, p. 252).

Os escritores refinam as palavras, embelezam e fazem tudo isso com muito requinte, até encontrar o ouro, que será a obra em si. Aristóteles na *Poética* já discutia o valor da literatura quando nos mostrava qual era o papel do poeta (1991, p. 209): “[...] não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade”.

A verossimilhança é uma forma de aproximar-se do real em que o autor busca mostrar a imensidão e uma profundidade. As profundezas da literatura são mostradas através da grandeza de uma obra, de seus valores universais.

Portanto, é preciso refletir sobre os conceitos que nos foram impostos sobre o que é literatura. Discute-se aqui, a relação língua e literatura para que compreendamos a importância do dicionário de língua como depositário dessa língua e sua relação com a literatura. Eagleton (2001, p. 11) diz: “A definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler e não da natureza daquilo que é lido”. O dicionário de Língua é uma representação concreta da língua, porém verossimilhança que tenta retratar o léxico seu mais alto grau de representatividade. Meschonnic (1991) diz que os dicionários de língua supõem um público que lê. Dessa maneira os leitores têm a liberdade de lê-lo como preferir, atribuindo a ele valor ou não. O dicionário também é um discurso polissêmico, pois cada entrada tem um sentido diferente, ao contrário dos glossários e terminologia científica que se querem monossêmicos já que apresentam apenas uma acepção semântica e o dicionário não.

A relação língua e literatura na composição do dicionário de língua coloca em discussão sempre a noção de que língua o lexicógrafo quer falar, sua relação com as variantes lingüísticas e norma que priorizará no decorrer do fazer lexicográfico. É nas referências bibliográficas que veremos esses conceitos serem disseminados para compreendermos melhor essa ligação com a literatura. Os dicionários de língua geralmente trazem exemplos de uso e exemplificam as acepções ilustrando com versos literários. O que nos faz questionar o padrão de língua que o lexicógrafo quer transmitir, pois como já dissemos a literatura dá a oportunidade de as palavras continuarem vivas e o dicionário também tem essa função. Meschonnic (1991, p. 27, tradução nossa)² coloca que “se existe uma obra em que seja fácil por estilo, é o dicionário”. O inverso da opinião comum. “Sem dúvida os melhores leitores são os escritores” (MESCHONNIC, 1991, p. 27, tradução nossa)³. Dessa forma lêem-se dicionários e não apenas recorrem quando há uma necessidade. Meschonnic (1991, p. 28, tradução nossa)⁴ comenta:

² S’il y a quelqu’ouvrage où il soit facile de mettre du style, c’est un dictionnaire.

³ Sans doute, les meilleurs lecteurs sont les écrivains.

⁴ Les écrivains sont familiers des dictionnaires. L’itinéraire obligé, la scène primitive du rapport entre l’écrivain et le dictionnaire, entre la littérature et le dictionnaire, commence à Baudelaire, racontant, dans *Théophile Gautier*, en 1859, sa première visite comme un rituel de passage : « Il me demanda ensuite avec un œil curieusement méfiant, et comme pour m’éprouver, si j’aimais à lire des dictionnaires. Il me dit cela d’ailleurs comme il dit toute chose, fort tranquillement, et du ton qu’un autre aurait pris pour s’informer si je préférerais la lecture des voyages à celle des romans. Par bonheur, j’avais été pris très-jeune de lexicomanie, et je vis que ma réponse me gagnait de l’estime.

[...] os escritores são familiares dos dicionários. O itinerário obrigatório, a cena primitiva da relação entre escritores e o dicionário, entre a literatura e o dicionário, começa por Baudelaire, contando, em Théophile Gautier, em 1859, sua primeira visita como um ritual de passagem: “Ele me pediu depois, com um olho curiosamente desconfiado, e como para me ressentir, se eu gostava de ler dicionários. Ele me disse isso, aliás, como diz qualquer coisa muito tranquilamente, e com o tom que outro teria empregado para se informar se eu preferia a leitura das viagens ou as dos romances. Felizmente, tinha sido atingido muito novo de lexicomania, e vi que com minha resposta ganhava estima.

Por conseguinte a relação entre ler e ou apenas consultar é colocada por Baudelaire e discutida por Meschonnic, atribuindo uma importância maior aos dicionários de língua. O artigo discute a questão dicionário embasado nas duas obras brasileiras *HOUAISS* e *AURÉLIO*. Não queremos aqui, atribuir a eles um valor literário, mas colocar em questionamento essa relação entre o dicionário e a literatura. O *AURÉLIO* usou em seu *corpus* uma bibliografia literária, ao passo que *HOUAISS* lexicográfica. O estudo dessas duas obras revela a relação pertinente sobre seu gênero e sua relação com a literatura. A bibliografia não é colocada, escolhida por acaso, sem consequência, mas subjetivamente pelo seu autor e com uma intencionalidade.

Sendo assim, questionar as nuances entre língua e literatura é imprescindível para conhecermos melhor essas obras. Meschonnic (1991, p. 33, tradução nossa)⁵ diz: “Um dicionário se chama um dicionário porque é um livro de palavras. É o que a palavra *dicionário* quer dizer”. *New English Dictionary* segundo Matoré (apud MESCHONNIC, 1991) discute a composição desse livro de palavras: “Matoré acha mais satisfatória a definição do *New English Dictionary* que é muito mais longa, sendo a enumeração, na ordem habitual, dos diversos aspectos sucessivamente descritos pelo dicionário: ortografia, significação, empregos, sinônimos, história, e ‘nos grandes dicionários, a informação dada é ilustrada por citações da literatura’” (MESCHONNIC, 1991, p. 34, tradução nossa)⁶.

Essa argumentação coloca a presença da literatura no dicionário *New English Dictionary* o que assemelha nas duas obras discutidas por nós, *HOUAISS* e *AURÉLIO*, que

⁵ Um dictionnaire s'appelle un dictionnaire parce que c'est un livre de mots. C'est ce que lê mot *dictionnaire* veut dire.

⁶ Matoré trouve plus satisfaisante la définition du *New English Dictionary* qui est beaucoup plus longue, étant l'énumération, dans l'ordre habituel, des divers aspects successivement décrits par le dictionnaire: orthographe, signification, emplois, synonymes, histoire, et « dans les grands dictionnaires, l'information donnée est illustrée par des citations de la littérature ».

também figuram em suas acepções exemplos da literatura. O primeiro em menor quantidade e o segundo mais acentuado, justificando assim a bibliografia de referência.

Verifica-se a influência literária na teoria do dicionário. Meschonnic (1991, p. 36, tradução nossa)⁷ “A teoria do dicionário não esperou o século XX. Mas ela não foi sempre o que hoje entendo por isso. Sua história é a de um entrecruzamento incessantemente recomeçado com a literatura e a filosofia”. Nota-se que a literatura está ligada a língua e essa por sua vez na história da lexicografia desde sua criação. Discutir dicionário de língua é sem dúvida penetrar na cultura de um povo e suas ramificações dentro de vários contextos sociais existentes em uma comunidade falante de uma mesma língua. Essa relação língua e sociedade discutida desde Saussure coloca em evidência a explícita relação com a literatura.

Partindo desses pontos em discussão espera-se que a relação língua/literatura e sua influência na construção do dicionário de língua tenha servido para uma reflexão do gênero que postula ser o dicionário, justifica Meschonnic (1991, p. 21, grifo nosso, tradução nossa)⁸ “E da mesma maneira que traduções são **obras**, algumas gramáticas, algumas enciclopédias, **alguns dicionários**, são também **obras literárias** e funcionam culturalmente como obras literárias”.

O dicionário metáfora que compila conhecimentos do léxico, deve ser estudado para que se possa fazer juízo de seu real papel numa sociedade em que a lexicografia ainda não decolou como privilégio de estudo. Há muitas discussões ainda para se fazer em relação ao dicionário de língua as quais abordaremos nos próximos textos.

Diante da discussão que se faz sobre o dicionário de língua é necessário uma abordagem acerca do seu gênero textual. Ao se deparar com pinturas, palavras escritas em portadores de textos reconhecidos, parte-se do pressuposto de que quem as produziu pretende que elas sejam um texto, isto é, tenham unidade de sentido e certa função comunicativa. Indiferente disso também o dicionário postula uma unidade de sentido. A organização dicionarística é diferente de outros textos, porém há um sujeito que fala no dicionário, que argumenta e transmite através do discurso uma ideologia.

⁷ La théorie du dictionnaire n’a pas attendu le XX^e siècle. Mais elle n’a pas toujours été ce qu’aujourd’hui on entend par là. Son histoire est celle d’un entrecroisement sans cesse recommence avec la littérature et la philosophie.

⁸ Et de même que traductions sont des œuvres, de même certaines grammaires, certaines encyclopédies, certains dictionnaires sont des œuvres, et fonctionnent culturellement comme des œuvres littéraires.

O texto dicionário não é narrativo se pensarmos nos elementos da narrativa, mas é nítida a relação textual do dicionário com o discurso narrativo. Os enunciados não apresentam pessoas, fatos, clímax, enredo. No entanto, há em sua confecção e em suas acepções um sujeito que fala. Se há um sujeito que fala supõe uma interlocução. E essa interlocução está estreitamente relacionada com os discursos que vão sendo construídos a partir do momento em que o consulente é levado a ter ações ao consultar um dicionário. Ele precisa primeiro ler o dicionário verticalmente, depois horizontalmente e muitas vezes é jogado de um extremo ao outro pelo processo de remissivas.

O gênero textual é importante, pois a natureza do meio de comunicação condiciona a estrutura da mensagem, seu sentido e a percepção do receptor, no caso do dicionário de língua, o consulente. Uma notícia veiculada pela televisão produz efeitos diferentes da mesma notícia veiculada pelo rádio. O que reflete a importância do gênero e o portador. O dicionário de língua também deve ser visto dessa forma. Cada escritor postula nas acepções registradas para uma palavra no dicionário um efeito diferente daquela usada nesse ou naquele texto. Há uma diferenciação entre ler a palavra na macroestrutura e a possível interpretação que se dá a ela.

Dessa forma o uso da linguagem é regulado socialmente: não podemos dizer nem entender o que queremos, de qualquer maneira, em qualquer situação. Segundo Sousa e Souto (2002, p. 1),

os portadores e as convenções textuais participam dos nossos julgamentos acerca da adequação dos textos. Estamos tão acostumados a falar e ouvir, escrever e ler, observando as “regras de etiqueta” que regulam a produção de textos que nem percebemos o quanto elas interferem em nossos julgamentos acerca de sua carência e aceitabilidade”.

Pode-se discutir a função da linguagem atribuída ao dicionário de língua: a metalingüística, que manipula conscientemente o sistema de signos, tendo em vista fazer o leitor, voltar-se para o funcionamento do próprio código. O que é interessante é que assim como o dicionário, os textos literários também requerem do leitor essa volta para o funcionamento do próprio código. Segundo Meschonnic (1991, p. 30, tradução nossa)⁹. “A

⁹ L’explication du jeu de mots consiste nécessairement dans l’énumération des sens successifs que le jeu disait d’un coup, et cette énumération ressemble à l’article de dictionnaire.

explicação do jogo de palavras consiste necessariamente na enumeração dos sentidos sucessivos que o jogo dizia de uma vez só, e essa enumeração se parece com o artigo do dicionário.”

Nota-se a preocupação do artigo lexicográfico em se manifestar a metalinguagem, a polissemia existentes, numa função não referencial, mas artística, transformando numa metáfora carregada de significações. O interessante é que o artigo lexicográfico registra o possível estilo da palavra, seria uma forma de se aproximar da metalinguagem, ou seja, o consulente encontra no artigo lexicográfico a interpretação da palavra usada no *corpus*. Meschonnic (1991, p. 30, tradução nossa)¹⁰:

O dicionário se encontra assim envolvido de uma maneira nova os jogos de palavras que fazem o tom da época, particularmente na França. Onde o jogo de palavras, o trocadilho, a rima, na publicidade, atingem uma saturação desconhecida até então. A linguagem nunca esteve tão próxima da lexicomania.

Daí a necessidade de ler um dicionário e que cada vez mais o homem é impulsionado a usá-lo. É nele que se encontra esse jogo, essa metalinguagem, para esclarecer as facetas dos signos utilizados pelo homem na constituição de discursos.

O dicionário é cultural e é impossível um escritor não usá-lo, segundo Barthes (apud MESCHONNIC, 1991) é uma *máquina de sonhar*, e acrescenta uma *armadilha poética*, senão um *delírio cultural*.

Essa interação entre obra e leitor fascina porque a construção da linguagem é pensada justamente para esse momento. Ao adentrar numa pesquisa de um livro de palavras o leitor se depara com sua própria história, sua maneira de ver e sentir a vida, pois é na palavra que os indivíduos recorrem, para explicar seus anseios e felicidades. É poético penetrar na significação que o dicionarista dá às palavras. Esse jogo entre o uso e o real de cada vocábulo é realmente artístico, belo, pois, em se tratando de língua, nada funciona de forma mecânica, mas poética. O simples fato de um mesmo vocábulo que parece apontar para o real de forma neutra, não é o real, mas uma representação do real a partir de um certo ponto de vista e com certas intenções. Assim quem fala ou escreve tem também

¹⁰ Le dictionnaire se trouve ainsi mêlé d’une manière neuve aux jeux de langage qui font leton de l’époque, particulièrement en France. Où le jeu de mots, le calembour, la rime, dans la publicité, atteignent une saturation inconnue auparavant. Le langage n’a jamais été plus proche de la lexicomanie.

algum nível de consciência do código, ou seja, no processo de produção e interpretação de textos interfere sempre um dicionário.

Há uma diferenciação entre ler um poema e ler um dicionário, porém a linguagem dicionarística é que faz o poema. A metalinguagem é usada pelo artista e o leitor usa também a metalinguagem para conhecer o poema. Segundo Sousa e Souto (2002, p. 02),

Um poema lírico, escrito em primeira pessoa, não expressa necessariamente os sentimentos da pessoa real que o produziu, mas deve ser lido a partir do pacto ficcional, estético e metalingüístico. Como ocorre em todos os textos literários, ele será em maior ou menor grau, um trabalho de (des)organização do código, sem o qual o texto não seria um poema, mas apenas confissão emocional.

Sendo assim, o gênero textual e a linguagem utilizada dependem da ótica de cada pessoa. Os verbetes de dicionário são construídos como definições de palavras, o que se assemelham à literatura. Buscam definir palavras de forma artística, verossímil com o real. Contudo, a literatura é vista como uma verossimilhança do real, porque transforma um simples vocábulo em seu mais alto valor significativo. No entanto, o dicionário de língua apesar de não ter explicitamente um enunciador, não postula nos gêneros textuais atuais como literários. Sendo que ele é o *corpus* da literatura e guardião das mais ricas metáforas usadas por literatos: a palavra. E, o que é interessante é a vasta relação do dicionário com as obras literárias. Os dicionários têm como *corpus* obras literárias. O que denota uma relação de metalinguagem. Matoré (apud MESCHONNIC, 1991, p 28, tradução nossa)¹¹ diz: “os escritores contemporâneos apenas consideram os dicionários como obras de consulta”.

É vasta a discussão acerca do gênero e função do dicionário, mas como vimos o dicionário figura no gênero literário, embora alguns atribuem a ele apenas o valor didático. Segundo Meschonnic (1991, p. 27, tradução nossa)¹², “Os dicionários podem não ser literários apenas pelas antologias de citações que contêm. Mas podem sê-lo também, pela própria escrita”. Dessa forma pode-se discutir a possibilidade de alguns dicionários de língua postularem esse gênero literário discutido por Meschonnic.

¹¹ Les écrivains contemporains ne considèrent lês dictionnaires que comme des ouvrages de consultation.

¹² Les dictionnaires peuvent ne pás être littéraires seulement par les anthologies de citations qu'ils contiennent. Ils peuvent l'être aussi par leur propre écriture.

Ainda segundo Meschonnic (1991, p. 16, tradução nossa)¹³,

Quanto aos dicionários, eles se dividem entre observar e prescrever. Seus papéis, suas funções – não somente seus funcionamentos – fazem dele um **gênero** que os diferenciam segundo seus empregos, seus serviços. Dicionários [...] são, então, maravilhosamente, os lugares em que ler entre as linhas, em que reconhecer, mais facilmente que alhures, os conflitos, as máscaras dos conflitos, os clichês que fazem o álbum de família de uma cultura. (grifo do autor)

Assim, é preciso buscar na obra lexicográfica, os dicionários de língua, uma discussão acerca de sua composição, sua estrutura e sua função enunciativa dentro do gênero a que postula. Há uma dicotomia sobre o valor didático e literário do dicionário. Esse mesmo autor (p. 17, tradução nossa)¹⁴ lembra: “Há o clichê do dicionário de língua como obra didática. Já mostrarei que se trata de outra coisa”. Com o mesmo argumento Dubois e Dubois (1971, p. 8, tradução nossa)¹⁵, colocam: “O dicionário é também uma obra literária, da mesma maneira que outras obras didáticas são”. Assim percebe-se o gênero textual do dicionário, claro que o seu valor didático é notado, mas as obras literárias quando orientam comportamentos sociais vê aí sua função didática. O dicionário por ser visto como compilador de palavras, é usado somente no momento de dúvidas para esclarecimento desse ou daquele vocábulo, assim menosprezado como uma obra literária. Dubois e Dubois (1971, p. 8, tradução nossa)¹⁶ argumentam que “O dicionário é também um texto, ou seja, um discurso finito, submetido à língua e à cultura”. Sendo um livro o autor coloca as discussões sobre seu gênero. O que nos faz refletir sua representação na literatura. E assim diz: “O dicionário como texto se aproxima da história dos gêneros literários” (1971, p. 8, tradução nossa)¹⁷. Dessa forma coloca em discussão até que ponto podemos considerar um

¹³ Quant aux dictionnaires, ils se partagent entre observer et prescrire. Leurs rôle social, leur fonction – pas seulement leurs fonctionnements – en font un genre qui se différencie selon leur emploi, leur livrée.

Dictionnaires [...] sont doc à merveille les lieux où lire entre les lignes, où reconnaître, plus facilement qu’ailleurs, les conflits, les masquages des conflits, les clichés qui font l’album de famille d’une culture.

¹⁴ Il y a le clichê du dictionnaire de langue comme ouvrage *didactique*. Je montrerai qu’il s’agit d’autre chose.

¹⁵ Le dictionnaire est aussi une **œuvre littéraire**, au même titre que d’autres ouvrages didactiques (Grifo do autor).

¹⁶ Le dictionnaire est aussi un **texte**, c’est-à-dire un discours fini, tenu sur la langue et la culture didactiques (Grifo do autor).

¹⁷ Le dictionnaire comme texte appartient à l’histoire des genres littéraires.

dicionário um texto, uma obra e conseqüentemente uma obra literária como discutiram Meschonnic e Dubois.

A discussão acerca do seu gênero é colocada numa abordagem sobre seu texto que na verdade não sendo uma narrativa, é um texto, um discurso, assim divide a história dos gêneros literários. No entendimento de Dubois e Dubois (1971, p. 7, tradução nossa)¹⁸, “O lexicógrafo é, então, um redator no pleno sentido da palavra, um “escritor”, sujeito a regras tão rigorosas quanto as de qualquer gênero literário.” Nota-se o seu carácter literário como forma de expressão de uma cultura. Segundo Dubois e Dubois (1971, p. 8, tradução nossa)¹⁹, “O dicionário é um objeto social, proveniente de uma necessidade histórica precisa. É um produto e um instrumento, o que não impede de no final das contas ser também uma obra”. E acrescenta: “Como texto, o dicionário aparenta a um gênero literário e sua redação se define como arte.” (p. 10, tradução nossa)²⁰. O que implica uma série de indagações acerca da construção do dicionário. Nossa pesquisa mostra uma relação bem próxima entre língua/literatura e a construção das acepções dos dicionários. Sem deixar de comentar o grande número de obras citadas na bibliografia de referência como *corpus* do acervo lexicográfico dos dicionários. Segundo Dubois e Dubois “Ele implica uma literatura”. Por conseguinte, o dicionário postula então, segundo esses teóricos, ao gênero literário.

Assim retoma a discussão da sua produção e sua beleza enquanto “Arte” a qual abordaremos ao falar sobre a construção dicionarística na literatura e a poética da procura incansável das palavras e suas acepções envolvidas na fala e escrita de um povo que tem história como já colocada por *Aurélio* parafraseando Carlos Drummond (1996, p. VIII):

Lutam com as palavras os escritores, os Drummonds, aceitando-lhes as definições correntes ou, no seu direito de artistas, modificando-lhes o sentido, ou criando novos, ou novas palavras; e lutam, igualmente, os dicionaristas, redefinindo-as, acrescentando-lhes significados, ou introduzindo-as no léxico, após enfrentar a tarefa, tantas vezes penosa, de captar-lhes a essência, desentranhar-lhes o sentido, infundir alma num corpo. Uns e outros se empenham na luta _e sempre com esperança de que não seja vã. Em nossos casos particulares _ o do Poeta e o deste

¹⁸ Le lexicographe est donc un rédacteur au sens plein du terme, un « écrivain », : astreint à des règles aussi rigoureuses que celles qui définissent tout autre genre littéraire.

¹⁹ (Le dictionnaire) est un objet social, issu d’un besoin historique précis, C’est une marchandise et un instrument, ce qui ne l’empêche pas, brouillant les cartes, d’être aussi une œuvre.

²⁰ Comme texte, le dictionnaire appartient à un **genre littéraire** et sa rédaction se définit comme un *art*. (Grifo do autor)

aprendiz de lexicografia _ há uma diferença (deixem passar a confissão): a luta de Drummond principia “mal rompe a manhã”, a do aprendiz, ordinariamente, vai até de manhã.

O que é relevante perceber nessa relação entre língua e literatura é o fazer artístico das obras de arte, o trabalhar a palavra. Transformar aquilo que é em um contexto em outro de uma forma bela, como faz a arte literária e o dicionário de língua, que ora apresentamos como uma “máquina de sonhar”. É no dicionário de língua que nossas raízes são formadas; é através dele que nosso mundo é conhecido; é nele que buscamos conhecer como construir um discurso metafórico; é nele que encontramos as mais ricas metáforas usadas por uma comunidade acepcionadas no seu discurso lexicográfico.

Seu valor pedagógico é incontestável, porém não se fica preso só nisso, é preciso compreender que o dicionário também prima por uma história, ao ser construído ele passa por diferentes moldes de escrita, seleção de vocábulos e escolha de fontes bibliográficas para formar seu discurso. Maingueneau (2001, p. 45) coloca a questão do texto literário e seu reconhecimento diante do público:

[...] primeiro, a necessidade de exprimir-se, em seguida, a concepção de um sentido, depois, a escolha de um suporte e de um gênero, vivido a seguir a redação, a busca de uma instância de difusão, a descoberta hipotética de um destinatário e por fim o eventual reconhecimento da legitimidade literária de seu autor.

Contudo, é necessário reescrever a história da língua, pensar sua função, seu discurso, sua história e assim passar pelo dicionário, pois eles mudam, não são apenas listas de palavras, mas a linguagem em movimento, questionando poeticamente que a linguagem “serve para viver” como lembra Meschonnic.

Ainda no debate sobre o gênero do dicionário, Meschonnic (1991) salienta: *a maioria não tem nenhum valor literário*. Se o autor coloca dessa forma é questionável uma lacuna para que existam dicionários que têm valor literário. Seria ousadia nossa afirmar valor literário aos dicionários, porém é desvalorizar demais sua possível qualificação desse gênero. No entanto, deve-se ressaltar com esses autores a necessidade de uma crítica dos dicionários, uma reflexão sobre seu fazer talvez como diz Alain Rey uma: *Metalexicografia*

Ao pesquisar a teoria francesa na visão de Henri Meschonnic, Jean Dubois e Alain Rey sobre a poética dos dicionários percebemos a preocupação que devemos ter para com a lexicografia brasileira. A lexicografia tem um maior estudo na França o que justifica nosso artigo. Tanto Meschonnic quanto Dubois são questionadores dos dicionários franceses, por isso usamos para suscitar a nós pesquisadores de literatura essa teoria que coloca muitos pensativos sobre o gênero a que pertence o dicionário; obra científica, pedagógica, mas com valor literário, em alguns casos.

Entretanto, Eagleton (2001, p. 14-15) pondera: “Qualquer coisa pode ser literatura, e qualquer coisa que é considerada literatura, [...] pode deixar de sê-lo”.

Ainda coloca:

O fato de sempre interpretarmos as obras literárias, até certo ponto, à luz de nossos próprios interesses – e o fato de, na verdade, sermos incapazes de, num certo sentido, interpreta-las de outra maneira – poderia ser uma das razões pelas quais certas obras literárias parecem conservar seu valor através dos séculos. (2001, p. 15)

Percebe-se que o conceito literário é negociado a partir das diferenças teóricas e suas abordagens. Nenhum texto é um texto por acaso, mas seu gênero é questionável, pois depende da maneira como internalizamos o conceito de literatura.

Neste sentido Meschonnic (1991, p. 24, tradução nossa)²¹ afirma:

Se há alguma loucura em fazer um dicionário, não se dá apenas em colecionar palavras, exemplos: ela passa pela transformação do discurso em lista; consiste também na arrumação, tão usual que não percebemos mais a estranheza disso, por ordem alfabética. A qual se acrescenta passageira ou crônica, escorregada muitas vezes irresistível, a de ler um dicionário. Restabelecendo um contínuo de sonho que associar entre elas todas estas palavras, estes nomes que não têm nenhuma relação, a não ser que rimam pelo início.

Esse mesmo autor (1991, p. 63, tradução nossa)²² ainda afirma que: “Ver didatismo no dicionário supõe uma concepção de seu papel como de um modelo, o que generaliza

²¹ S’il y a quelque folie à faire un dictionnaire, elle ne tient pas seulement à collectionner des mots, des exemples ; elle passe par la transformation du discours en liste : consiste aussi dans le rangement, si usuel qu’on n’en voit plus l’étrangeté, par ordre alphabétique. A quoi s’ajoute, passagère ou chronique, dérapage le plus souvent irrésistible, celle de lire un dictionnaire. Rétablissant un continu de rêve qui associe entre eux tous ces mots, ces nboms qui n’ont aucun rapport, sinon qu’ils riment par l’avant.

abusivamente ao mesmo tempo uma noção particular e uma época do dicionário – clássica e neoclássica confundidas”.

Os dicionários de língua não têm a função de ensinar, mas de se comunicar, informar, para a partir daí provocar uma reflexão acerca do seu valor.

Se não é possível ver a literatura como uma categoria “objetiva”, descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura. Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de juízos de valor: eles têm suas raízes em estruturas mais profundas de crenças, tão evidentes e inabaláveis quanto o edifício do Empire State. Portanto, o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. (EAGLETON, 2001, p. 22).

Nesse sentido, é pertinente discutirmos a questão do gênero textual do dicionário. E sendo o dicionário fonte de inspiração para muitos escritores não só pela acepção, mas como forma estética para criação de várias obras literárias de grandes autores brasileiros como Oswald de Andrade em sua obra Dicionário de Bolso e Ivan Ângelo em A festa é que podemos considerar o dicionário uma obra de arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIGONJAL-BRAGGIO, Silva Lucia. Contribuições da lingüística para o ensino de línguas. Goiânia: UFG, 1999.

DERRIDA in Derrida e educação/ organizado por Carlos Skliar, - Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DUBOIS, J. e DUBOIS, C. Introduction à la lexicographie. Paris. Librairie Larousse, 1971.

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. Trad. Wahenser Dutra: 4. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2001

FERREIRA, A. B.de H., Dicionário Aurélio século XXI. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. RJ. 3. ed. 1999.

²² Voir du didactisme dans le dictionnaire suppose une conception de son rôle comme d'un modèle, ce qui généralise abusivement à la fois une notion particulière et une époque du dictionnaire – classique et néo-classique confondus.

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

KOCH, Ingedore G. Villaça. Argumentação e linguagem. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. Tradução de de Cecília P. de Sousa e Silv / Décio Rocha. 2. ed. São Paulo- SP: Cortez. 2002

_____. Código de Linguagem e interlíngua. In: O contexto da Obra literária. Trad. Marina Appenzeler. São Paulo: Martins fontes. 2001.

MARTINS, J. B. Da literatura à filosofia. São Paulo: FESAN, 2. ed. 1986.

MESCHONNIC, Henri. Des mots et des mondes: dictionnaires, encyclopédies, grammaires, nomenclatures. Paris, Hatier, 1991.

PLATÃO. Os pensadores. 5. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991